

## PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO SUDOESTE DA BAHIA. Projeto Serra Geral

*Pedro Ignácio Schmitz\**  
*Altair Sales Barbosa\*\**

**RESUMO:** Estão sendo apresentados os primeiros resultados de uma prospecção arqueológica inicial no Sudoeste da Bahia, localizando sítios de caçadores holocênicos antigos e recentes, uma abundante pintura de tradição São Francisco e poucos assentamentos de tradição cerâmica Una e Tupiguarani. Mencionam-se datas pleistocênicas conseguidas num dos abrigos, mas a ligação delas com a ocupação e atividade humanas não pode ser confirmada.

### **Introdução**

A área compreendida no projeto Serra Geral, que vai da fronteira de Goiás até um pouco além de Santa Maria da Vitória, BA, compreende uma parte do rio Corrente, afluente do rio São Francisco e seus formadores Correntina e Formoso, com os respectivos afluentes, desde a confluência até as nascentes. Não tratamos aqui da parte goiana do projeto. (Ver mapa)

Está localizado entre os meridianos de 43°40' e 46° de longitude oeste e os paralelos de 13° e 14°30' de latitude sul.

Projeto do Programa Arqueológico de Goiás, teve seu trabalho de campo executado na estação seca dos anos de 1981, 1983, 1984 e 1985.

Trata-se de um projeto prospectivo, cujo trabalho de campo foi dificultado pelas condições ambientais, numa área de poucos moradores e menos caminhos.

Esta é uma comunicação prévia, visto o material não ter sido todo analisado; a publicação do relatório final está prevista para 1995.

\* Instituto Anchieta de Pesquisas.

\*\* Instituto do Trópico Sub-úmido.

## O trabalho realizado

O ambiente, no lado baiano, pode ser apresentado em dois grandes quadros: o cerrado e a caatinga arbórea.

1. O cerrado caracteriza-se por uma extensa área, onde afloram arenitos da Formação Urucuia, de origem continental flúvio-eólica, datados do Cretáceo. Esta formação apresenta grande homogeneidade litológica de arenitos finos a médios, com alguns níveis conglomeráticos e áreas com maior silicificação do material, formando normalmente pequenas cristas, mais resistentes à erosão, que se constituem na fonte da matéria-prima para a fabricação de instrumentos.

O relevo apresenta uma topografia uniforme, com cotas de 1.000 m no extremo-oeste, limite com Goiás, decrescendo até 800 m no limite com a caatinga. Os rios correm paralelos, retilíneos, rápidos e limpos, sem barrancas.

A vegetação, no extremo oeste, limite com Goiás é de campos de altitude, com matas-de-galeria localizadas. Na direção leste passa gradativamente para o cerrado típico.

Dois áreas foram submetidas a uma prospecção intensiva: o médio curso do rio Correntina, ao longo da antiga estrada que, de Posse, GO, vai a Correntina, BA; o curso médio do rio Pratudão, ao longo da outra estrada que liga Goiás ao sudoeste da Bahia.

Só um sítio pré-cerâmico foi localizado na área de campos de altitude, junto às nascentes do Pratudão.. No cerrado foram registrados 20 sítios pré-cerâmicos a céu aberto, próximos às margens dos rios, em pequenos cerros ou chapadas, onde aflora quartzito ou sílex. A maior parte dos sítios não passa de locais de exploração de matéria-prima, com retalhamento de nódulos e preparação, ou mesmo acabamento de artefatos. Geralmente são superficiais primários, existindo considerável volume de resíduos, muitas vezes de grande tamanho, porque os nódulos originais são muito volumosos, chegando a 50 cm de diâmetro; muitos deles estão cobertos por espessa crosta mal silicificada e com numerosas falhas internas de material não bem silicificado.

Sobre o rio Pratudão/Formoso há um sítio extenso e com grande acúmulo de restos de retalhamento e muitos artefatos em fase de pro-

dução ou falhados (talvez também alguns acabados) do tipo denominado *lesmas*. Sobre o rio Correntina, na confluência com o córrego Cajueiro, há um grande sítio estratificado, no qual realizamos um corte de 2 x 2 m, até 80 cm de profundidade, cujas camadas profundas proporcionaram uma data de  $7.170 \pm 65$  anos A.P. (SI-5566). O material analisado deste corte consiste num grande volume de núcleos, fragmentos e lascas de quartzito e sílex. Os artefatos produzidos são lascas longas ou largas, usadas sem modificações, ou com pequenas acomodações.

Nos demais sítios o material corresponde a um ou outro modelo.

No vale do rio Correntina foram encontrados dois lugares com petroglifos sobre lajedos cobertos pela água, mesmo no tempo seco, um deles no leito mesmo do rio Correntina, junto a uma forte corredeira; o outro no leito do pequeno córrego Cajueiro, quase na confluência com o rio, junto ao sítio estratificado, acima referido. Neles predominam pequenos sulcos convergentes, muitas vezes chamados de tridáctilos, que lembram a tradição *Pisadas*.

Como a região apresenta bastante uniformidade e a amostragem cobre extensões consideráveis das mesmas, acreditamos que a amostra é suficiente para se ter uma idéia do tipo, quantidade, qualidade e preservação dos sítios da região do cerrado.

Na continuação do trabalho está prevista uma escavação maior no sítio estratificado e uma cuidadosa decapagem do sítio superficial para se ter uma idéia das estruturas horizontais e verticais.

2. A caatinga desenvolve-se no baixo curso do rio Correntina e do rio Formoso e no domínio do rio Corrente, do qual são formadores.

Geologicamente é o domínio dos calcários da Formação Lagoa do Jacaré, Sub-grupo Paraopeba, Grupo Bambuí. A Formação Lagoa do Jacaré, que corresponde a uma sedimentação epicontinental, processada sobre uma plataforma estável, compreende uma seqüência de calcários pretos e cinza, com intercalação de pelitos e margas.

A feição geomorfológica da área, denominada Serra do Ramalho, caracteriza-se por formas do tipo Patamares de Chapadão, intercalados com modelados de dissolução com feições Kársticas, sendo comuns grutas, com ou sem estalactites e estalagmites, sumidouros, dolinas, caneluras e corredores com paredões tipo *canyon*, nos quais se desen-

volveram, pela queda de blocos e dissolução do calcário, pequenos abrigos, freqüentemente com evidências de ocupação humana.

A vegetação é constituída de caatinga arbórea, com variações locais, que receberam as denominações de Floresta Montana estacional semi-decidual, e decidual. A semi-decidual ocorre, de preferência, dentro dos corredores com paredões tipo *canyon*, devido a maior concentração de umidade local. A decidual ocupa as áreas de patamares de chapadão.

O clima, segundo Koeppen, é AW, caracterizado como clima quente com estação seca bem acentuada, coincidindo com o inverno.

Os rios da região (Correntina, Formoso e Corrente) têm bom potencial, ao passo que os córregos, seus afluentes, são normalmente intermitentes. Os de maior porte, com água constante, são aqueles associados a sumidouros, que apresentam trechos subterrâneos, com o abastecimento de água proveniente do próprio lençol freático.

Na área foram feitas amostragens sistemáticas nas proximidades da cidade de Correntina, sobre o rio do mesmo nome, onde existem paredões calcários com pequenas grutas, com sedimentos rasos, nas quais se recuperaram ocupações pré-cerâmicas e cerâmicas; nas paredes há pinturas da tradição São Francisco e sobre elas pequenos grafites em carvão.

Além de coletas superficiais, foram realizados três cortes estratigráficos nos abrigos; não há datações.

Outra área de amostragem sistemática foi a Serra do Ramalho, na margem direita do Corrente, perto da cidade de Santa Maria da Vitória, mas no município de Coribe, dentro e nas proximidades de um típico *canyon* calcário, com rio subterrâneo. Ali foram localizados 4 abrigos pouco profundos, com ocupações humanas, testemunhadas por materiais em camadas e pinturas nas paredes. Num abrigo foram realizados quatro cortes, conseguindo-se 12 datas, que vão de 1.000 a 43.000 anos A.P., correspondentes a ocupações pré-cerâmicas e cerâmicas. As pinturas principais, da tradição São Francisco, estão recobertas por pequenos grafites a carvão.

Fora de abrigos, mas na sua proximidade, foram encontrados mais dois sítios cerâmicos.

Há também grandes cavernas com estalactites e estalagmites e sumidouros, nas quais não se encontraram restos pré-históricos.

Outra amostragem sistemática foi realizada na margem esquerda do rio Corrente, em parte no município de Santa Maria da Vitória, em parte no de Santana dos Brejos. Ali foram estudados seis abrigos e realizados quatro cortes estratigráficos. Há duas datas para um abrigo ( $6.520 \pm 100$  [SI-6953] e  $4.980 \pm 75$  [SI-6954]).

Antes de nós, Oswaldo R. Heredia e sua equipe, do Museu Nacional, Rio de Janeiro, tinha feito cortes estratigráficos num desses abrigos e visitado outro com pinturas.

Fora dos abrigos, foram visitados dois sítios Tupiguarani, da sub-tradição Pintada, do mesmo tipo que Valentín Calderón (1969) usou para formar a fase Coribe. As pinturas dos abrigos são da tradição São Francisco.

A amostragem, na área da caatinga, foi densa, apoiada principalmente sobre as informações de um explorador, que havia percorrido todos os recônditos da região em busca de minerais e pedras preciosas, mas também sobre intenso caminhamento feito pela equipe.

Na área da caatinga foram levantados problemas importantes que exigem a volta ao lugar: consistem principalmente numa melhor definição das culturas ceramistas e pré-ceramistas locais e no reexame das camadas que produziram as datas pleistocênicas.

Os materiais líticos dos abrigos são predominantemente lascas usadas, com ou sem pequenas modificações, aparecendo *lesmas* só num abrigo. As datas confiáveis para os mesmos começam a 9.000 anos A.P.

A cerâmica da região apresenta duas variáveis. Uma Tupiguarani, com alguns sítios superficiais junto a barreiros ou na proximidade de córregos intermitentes; poucos restos também num abrigo. A outra cerâmica, menor, que aparece em abrigos e ao menos num sítio a céu aberto, talvez seja Una. Num abrigo ela vem acompanhada de materiais perecíveis, como restos de alimentos e de artefatos em madeira e fibra trançada, semelhantes aos publicados por Prous, Junqueira & Malta (1984) para Minas Gerais.

O problema de mais destaque são as datas pleistocênicas. No abrigo BA-RC-28, junto à boca do *canyon* e perto de um acesso ao rio subterrâneo, foi feito, em 1981, um corte (I) que no nível artificial de 80-90 cm deu uma data de  $8.860 \pm 115$  (SI-5565). Como as camadas continuam até 190 cm com algum carvão e lascas, voltamos ao abrigo

dois anos depois e fizemos novo corte (II), que, nos níveis profundos tinha camadas de sedimentos claros, que pareciam de cinza, com muitos moluscos, mas pouco carvão. Mandamos processar duas amostras de moluscos dessas camadas, saindo datas de  $26.600 \pm 620$  (SI-6292) para o nível de 130-140 cm e  $26.900 \pm 570$  A.P. (SI-6293) para o nível de 140-150 cm. Há mais uma data de mais de 43.000 anos A.P., mas que não vale a pena discutir porque não está associada às camadas que pareciam cinza, mas provém de moluscos retirados por baixo. Como as datas eram muito altas, os responsáveis pelo processamento atribuíam o tamanho da data a algum problema com os moluscos e prometeram processar outras amostras, mas de carvão. Foram feitos novos cortes (III e IIb) em 1984, recolhendo-se carvão de camadas parecidas, num outro lugar do abrigo. Saíram, então, mais três datas:  $16.200 \pm 290$  A.P. (SI-6752);  $18.570 \pm 130$  A.P. (SI-6751) e  $21.090 \pm 420$  A.P. (SI-6750), confirmando que se trata de camadas pleistocênicas, faltando confirmar que se trata realmente de restos ligados ao homem. Os sedimentos retirados foram processados por Ana Luisa V. Bitencourt (O paleoambiente do sítio arqueológico BA-RC-28: um estudo através dos minerais dos sedimentos do abrigo), que os discute nesta reunião.

## Comentário

Pelos dados que temos desse projeto prospectivo, percebemos uma ocupação por grupos caçadores no cerrado, desde ao menos 7.000 anos A.P., na caatinga ao menos desde 9.000 A.P.. Aqui existe a possibilidade de uma ocupação pleistocênica.

No cerrado os sítios parecem localizados predominantemente ao longo dos rios, onde existe água, alimentação e aflora matéria-prima lítica por causa da erosão; não nos interflúvios, onde estes elementos faltam. Nos sítios mais visíveis e numerosos estão diretamente ligados aos afloramentos do quartzito e sílex e sua ação visível parece mais ligada à exploração e manufatura dessa matéria-prima. Dos numerosos sítios localizados só um parece não estar predominantemente ligado a esta atividade, mas ser de atividade múltipla.

Na caatinga a maior parte dos sítios localizados está em abrigos.

O abastecimento de água é resolvido com o acesso a um rio superficial, em cuja proximidade se encontram (Correntina), um rio subterrâneo, dentro ou na proximidade do sítio (serra do Ramalho), a córregos intermitentes (Santa Maria da Vitória e Santana dos Brejos); neste último caso a ocupação costuma mostrar pouca intensidade. Os sítios cerâmicos a céu aberto exploram recursos de água permanentes, não muito afastados e se apóiam em solos bastante ricos, desde que exista água.

Pensando os sítios dentro da arqueologia de uma área mais ampla, notamos que o pré-cerâmico provavelmente se enquadra nos horizontes estabelecidos para os cerrados de Goiás (SCHMITZ, 1980; SCHMITZ e outros, 1989) e Minas Gerais (PROUS & GUIMARÃES, 1981-1982) não sendo o ambiente excessivamente diferente. As pinturas são claramente da tradição São Francisco (Ver SOLA, PROUS & SILVA, 1981-1982). A cerâmica de tradição Tupiguarani é da subtradição Pintada, embora pareça haver uma certa presença de unglazed; os sítios parecem pouco numerosos e se encontram na proximidade do rio Corrente, onde teriam um ambiente suportável, embora não ideal. Outras ocorrências cerâmicas a céu aberto, ou eventuais ocupações de abrigos, provavelmente são do horizonte Una, que explora ambientes mais acidentados e solos menos aptos para cultivos.

**ABSTRACT:** *Archaeological survey in Southwest Bahia* — The first results of an archaeological survey in Southwest Bahia are presented, setting the sites of ancient and recent holocenic hunters, abundant painting of the São Francisco Tradition and a few settlements of the Una and Tupiguarani Ceramic Tradition. Pleistocenic dates obtained in a rock-shelter are mentioned, but its relation with human activities and occupation can not be confirmed.



## Bibliografia citada

- CALDERON, V. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do segundo ano, 1966-1967. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 10:135-152. 1969.
- JUNQUEIRA, P.A. & MALTA, I.M. Horticultores e ceramistas pré-históricos do noroeste de Minas Gerais. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG*, Belo Horizonte, vol. VI-VII: 275-289. 1981-1982.
- PROUS, A. & GUIMARÃES, C.M. Recentes descobertas sobre os mais antigos caçadores de Minas Gerais e da Bahia. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG*, Belo Horizonte, vol. VI-VII: 23-33.1981-1982.
- PROUS, A. JUNQUEIRA, P.A. & MALTA, I. Arqueologia do Alto Médio São Francisco. Região de Januária e Montalvânia. *Revista de Arqueologia*, vol. 2, nº 1:59-72. 1984.
- SCHMITZ, P.I. A evolução da cultura no sudoeste de Goiás. *Pesquisas, Antropologia*, nº 31:185-225. 1980.
- SCHMITZ, P.I. e outros. Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I. *Pesquisas, Antropologia*, nº 44. 1989.
- SOLA, M.E.C., PROUS, A. & SILVA, G.R. Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária-Itacarambi (MG). *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG*, Belo Horizonte, vol. VI-VII:383-395.